

Uma dama sui generis

Estudo de caso de paleopatologia oral num indivíduo indígena da Belém seiscentista

Claudia Cunha^{1,2}, Tiago Tomé^{3,2}, Ana Maria Silva^{2,5}, Fernando Marques⁴

¹ Bolsista do Programa de Capacitação Institucional MCTI/MPEG, Coordenação de Ciências Humanas, Museu Paraense Emílio Goeldi; ² CIAS/Departamento de Ciências da Vida, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra; ³ Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA), Universidade Federal do Pará; ⁴ Coordenação de Ciências Humanas, Museu Paraense Emílio Goeldi; ⁵ UNIARQ (Universidade de Lisboa)/CEF (Universidade de Coimbra)

Contacto: ccunha@museu-goeldi.br

A Igreja do Rosário dos Homens Brancos

A Igreja do Rosário dos Homens Brancos está localizada no núcleo histórico de Belém (Pará, Brasil), no espaço do largo do Camo, em contexto das duas primeiras ruas da cidade abertas a partir do Forte do Presépio até à Igreja e Convento do Camo.

A época de construção da igreja do Rosário é desconhecida, porém há registros de sua existência em meados do século XVII, quando foi reportada em descrições da cidade feitas pelo padre João Bettendorff e pelo cronista Maurício de Heriarte (1, 2). Segundo relatos orais, a edificação já em ruínas teria sido demolida na década de 1930.

O acesso às atividades e espaços das irmandades do Rosário no Brasil colonial eram segregadas, havendo certa permeabilidade branca nas ordens do Rosário dos Homens Negros, principalmente nos quadros superiores. Nas irmandades dos homens brancos, no entanto, o acesso era restrito apenas aos "homens brancos legítimos" e suas esposas (3).

A intervenção arqueológica de 1993-1994 exumou, para além de ossos desarticulados correspondentes a um NMI de 32 indivíduos, os restos humanos esqueletizados de 4 indivíduos ainda em conexão anatómica.

Mapa com a localização do estado do Pará e da cidade de Belém.



Planta histórica da cidade de Belém do Grão-Pará em 1753. Em detalhe (n.º 17) a Igreja do Rosário dos Homens Brancos, no centro do Largo do Camo. Adapta do de: http://objdigital.bn.br/arquivo_digital/div_cartografica/art325149.htm



Mandíbula do indiv. RHB1 contendo toda a dentição inferior *in situ*.

Máxilar do indiv. RHB1 contendo os dentes *in situ* e, acima, os dentes *ex situ*.

O indivíduo RHB1

Um destes esqueletos em articulação pertence a um indivíduo grácil do sexo feminino (4) que teria cerca de 20,5 anos de idade à morte (5). O material dentário correspondente a este indivíduo é composto por 4 dentes *ex situ* e 24 dentes *in situ*, além da mandíbula e maxilar superior.

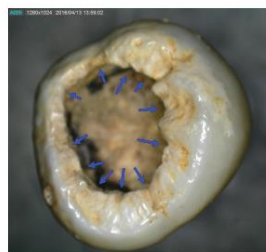
A morfologia dentária discreta de RHB 1 é marcada por caracteres frequentes em populações sinodontes (6, 7). Ela exhibe o clássico *shoveling* na dentição antero-superior, PM¹ mono-radicular, hipoconulídeo extremamente reduzido em M₁, *double shoveling* acentuado em I¹ e ausência de cúspides linguais em PM₂. Ao mesmo tempo, estão ausentes caracteres típicos da dentição eurodonte (p. ex. a cúspide de Carabelli ou caninos inferiores biradiculares) e da dentição afridente (p. ex. diastema em I¹, PM¹ bi-radicular ou padrão oclusal Y em M₂). A análise de 24 caracteres sugere fortemente que este indivíduo seja de ascendência ameríndia.

RHB1 apresenta lesões cariogênicas em 7 dentes. No M² esquerdo as lesões afetam as superfícies oclusal e bucal. Contudo as mais severas atingem ambos os M² e o I² esquerdo.

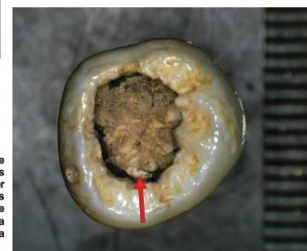
Este indivíduo também nos revela um raro vislumbre de tratamento dentário no Brasil Colonial. Duas grandes cáries em ambos os M² foram tratadas com uma técnica até ao momento não descrita para contextos arqueológicos brasileiros. Os tecidos dentários cariados (esmalte e dentina) foram retirados com o uso de um ou mais instrumentos metálicos com movimentos circulares no interior da lesão. Posteriormente, provavelmente usando um tipo de prospector dentário em gancho, as bordas lesionadas do esmalte foram removidas com pressão de ventral para fora da área lesionada. Por fim, algum tipo de preenchimento orgânico (vegetal) foi usado. Este 'curativo' deve ter sido renovado regularmente, pois parte dele ainda preenche a lesão.

Estudos farmacológicos recentes provaram a eficácia de tais plantas como anestésicas, antimicrobianas e antiácidas (10, 11). Entre as plantas úteis para tratamento dentário estão espécies de pimenta (*Piper*), andiroba (*Carapa guianensis* Aubl.), castanha do Pará (*Bethollia excelsa* Humb & Bonpl.), tiriúca (*Cyperus rotundus* L.), cipó-cravo (*Tynanthus elegans* Miers) e jambu (*Acmella oleracea* (L.) R. K. Jansen) (10, 11, 12).

Estamos diante de um caso de fato *sui generis*: uma mulher jovem provavelmente indígena, inumada na zona nobre da cidade, num espaço que se supõe dedicado a homens brancos e suas mulheres. Esta mulher, provavelmente de trânsito social entre os dois principais grupos étnicos da Belém Colonial daquele período, representa também o primeiro caso descrito para a região, até onde sabemos, de um tratamento dentário combinando técnicas e ferramentas europeias e conhecimentos etnofarmacológicos indígenas.



M² esquerdo. FDI 28 (foco no bordo da lesão). São observáveis negativos do bulbo de fraturas concidais em múltiplas retiradas do esmalte dentário, indicando o uso de uma ferramenta cuja ponta seria estreita o suficiente para fazer a remoção de dentro para fora da lesão. Observe-se também o desgate das margens desta retirada indicando a sobrevivência do indivíduo ao tratamento.



Parte do preenchimento original (curativo?) do dente pós-tratamento. Uma grande variedade de plantas são usadas para tratamento dentário tradicional por populações indígenas amazônicas até hoje. Elas foram provavelmente selecionadas por tentativa e erro ao longo dos 11.000 anos de presença humana na região e da convivência com elementos do bioma amazônico (8,9).

Referências

- 1 - Heringford, J.F. 1909. Chegada de Milão do Padre da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão. In Rev. do Inst. Histórico e Geográfico Brasileiro, Tomo LXXXI, Parte 1. Rio de Janeiro: 2 - Heriarte, M. 1874. Descrição do Estado do Maranhão, Pará, Conquista e Rio das Amazonas. Viena. Imprensa do Fibro de Carlos Genet 3.
- 2 - Kaminich, M. 2010. Contribuição comparativa às irmandades dos pretos e pardos. História Revista, vol. 15, 2:267-280. 4 - Shovel, J.E., Shovel, D.H. 1991. Standards for the collection from human skeletal remains. (Report Number 44). Fayetteville, AR: Arkansas Archaeological Survey. 21 (pages 6 - 42) Cabart, S. J., Helms M.P., Liversidge, H.M. 2010. Brief communication: The London atlas of tooth developmental and skeletal. Am. J. Phys. Anthropology, 142(3): 451-456. 6 - Turner, C.G. 1990. Major forays into the evolution of dentition and occlusion, including suggestions about East Asian microevolution, population history and Late Pleistocene relationships with Australian Aboriginals. Am. J. Phys. Anthropology, 82(3): 289-317. 7 - Turner, C.G., Scott, G. 2007. The dentition of American Indians: evolutionary results and demographic implications for population history. In: Hertz, W., Tattersall, E. (Eds.), Handbook of Paleoanthropology. Springer Verlag, 1901-1941. 8 - Shovel, J.E., Liversidge, H.M. 2010. Brief communication: The London atlas of tooth developmental and skeletal. Am. J. Phys. Anthropology, 142(3): 250-266. 9 - Zumbach, T.J., Stone, B. 2013. "Curing Belém's oral care". TechBioArqueologia (Western Amazonia, Arquipos). 1: 106(1): 52-75. 10 - Mota, R., Moraes, L., Feres, O., Neves-Costa, L., Pacheco, L., Engras, A., Almeida, L., Rye, R., Fariello, B., Travençolo, B. 2008. Antiepileptical compounds from *Piper* species. 2. Official Products, vol. 64(12): 1987-1988. 11 - Cordeiro, R.F. 2007. Etnofarmacologia, antiácidos e anestésicos de algumas espécies vegetais amazônicas sobre o tratamento dentário. Dissertação apresentada ao Programa Institucional de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal do Amazonas, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Antropologia. 12 - Fariello, R., Clifton, B. 2010. Análise etnobotânica de R. K. Jansen (Asteraceae) - Jambu. Estudos de Ant. Arq. São, vol. 5(1): 53-61.

